

REPERTÓRIO CULTURAL: QUANDO O CONHECIMENTO NECESSÁRIO À FORMAÇÃO ACADÊMICA EXTRAPOLA AS MATRIZES CURRICULARES

Laene Mucci Daniel*
Angélica Almeida**

Resumo

Este trabalho problematiza a consolidação de uma grade curricular que atribua utilidade social aos diplomas universitários. A partir do conceito de repertório da Teoria da Informação, criou-se a metodologia *Repertório Cultural* que foi testada junto a estudantes de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Apesar do estranhamento e conservadorismo por parte da comunidade acadêmica, incluindo alguns alunos, a experiência mostrou-se satisfatória no que diz respeito à formação cultural e criticidade na construção coletiva do conhecimento, frente às competências exigidas pelo mercado de trabalho e a reconfiguração ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Práticas de ensino. Formação escolar. Matrizes curriculares. Construção do conhecimento. Repertório cultural.

1. IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO CULTURAL DOS DIPLOMAS COMO ELEMENTO AGREGADOR DE UTILIDADE SOCIAL

A educação do homem existe por toda a parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes [...] E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. (BRANDÃO, 1987, p. 47)

A utilidade da formação escolar é um questionamento que há muito tem sido feito, mas que não se esgotou ao passar do tempo, uma vez que conhecer por que e como os conteúdos são transmitidos possibilita compreender sobre quais mecanismos a escola tem se mantido como instituição responsável por agregar conhecimento útil aos indivíduos e reproduzir determinados modos de vida. O reconhecimento das atualizações pelas quais passam os sentidos e as finalidades da educação escolar está inteiramente ligado à realidade social a qual pertence o ensino. A escola, neste sentido, não só é influenciada pela cultura de uma determinada sociedade, como também legitima e conserva determinados comportamentos que são valorizados culturalmente em um grupo social.

Toda prática social tem dimensão cultural, ou seja, a cultura aprendida e apreendida é referência para diversos procedimentos ou normas de pensar, agir e relacionar-se compartilhados e reconhecidos pelos sujeitos na vida pessoal e na vida profissional (FORQUIN, 1993).

* Doutoranda em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa e Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa. Doutoranda em Análise do Discurso na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: <laenemucci@gmail.com>.

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: <angélica.comsocial@gmail.com>.

Michel Young, em seu trabalho “Para que servem as escolas” (YOUNG, 2007), discorreu acerca dos diferentes estudos construídos entorno da perspectiva escolar e considerou, dentre outras coisas, que o sucesso dos alunos depende altamente da cultura que eles trazem para a escola. Partindo do pressuposto de que é fundamental que se questione se os currículos permitem a aquisição de conhecimento poderoso por parte dos alunos, o autor conclui que, para a promoção da igualdade de conhecimento no ambiente escolar, é necessário um afastamento da experiência local e particular para que se validem as condições de aquisição de outras culturas.

François Dubet, em 2004, havia teorizado sobre a justiça escolar, refletindo as concepções de justiça que deveriam ser atendidas para que de fato os diplomas escolares fossem coerentes com aquisições e competências vistas como elementares no mercado de trabalho. Uma das considerações do autor embasou-se sobre o fato de que a formação curricular deve prever uma ampliação de fatores que conferem legitimidade do diploma frente às necessidades que um profissional deve atender para atuar em sociedade, o que envolve em grande medida a cultura adquirida pelo indivíduo.

Considerar os diplomas como bens dotados de certa utilidade não diminui em nada sua dimensão cultural. Uma das grandes causas da injustiça provém do fato de que determinados diplomas têm a mesma utilidade, mas é escandaloso observar que certos diplomas não têm quase nenhuma utilidade, especialmente os que provém de cursos de formação geral mais fraca, que não oferecem nem uma profissão, nem um nível de qualificação capaz de fazer diferença no mercado de trabalho (DUBET, 2004, p. 548).

Diversos outros estudos recentes discutem a importância da ampliação do universo cultural do aluno a partir de recursos didático-pedagógicos que extrapolem as experiências curriculares dos professores. Uma pesquisa feita em Uberaba, em 2007, problematizou a formação do educador a partir do seu repertório cultural e atentou-se à necessidade da mediação cultural

dos professores como aporte para o enriquecimento dos saberes necessários aos alunos.

Se a escola é instrumento poderoso para formar o gosto e estimular a apreciação e o uso de bens simbólicos de forma duradoura e estável, então, é urgente uma revisão curricular da formação magisterial e políticas públicas para formação cultural e estética de docentes atuantes na educação básica do Brasil. Não uma “política de eventos”, mas uma política que crie um programa educativo a ser desenvolvido em longo prazo e abarque educação escolar, estudos superiores e formação continuada; um programa em que as instituições formadoras sejam espaços não só de produção e difusão cultural, como também – e sobretudo – de mediação cultural; um programa em que – dadas as condições atuais de trabalho e salário de professores e professoras – haja uma democracia cultural que lhes possibilite consumir outros bens culturais além dos que são oferecidos pela indústria cultural (ALMEIDA, 2007, p. 19).

Nogueira aponta a implicação de um aprofundamento cultural que parta primeiro daquele que tem a função de educar, com um método docente mais rico e estimulante, como fator que interfere diretamente em uma leitura diferenciada de mundo por parte daqueles que estão em processo formativo (NOGUEIRA, 2010).

Partindo desses pressupostos e ancorados na concepção freiriana da educação, baseada na construção coletiva do conhecimento a partir dos dados presentes no entorno do educando (FREIRE, 1996), este trabalho pretende refletir quantitativa e qualitativamente a respeito de uma experiência de ação pedagógica desenvolvida no Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa-MG.

A prática do “*Repertório Cultural*” compreende uma iniciativa de se utilizar o espaço das aulas para que os alunos apresentem determinados traços presentes em sua cultura aos demais colegas de classe. O método, que também tem caráter avaliativo, possui como principal objetivo agregar conhecimentos culturais necessários aos alunos em sua prática profissional, ampliando suas leituras de mundo a partir da troca de saberes com as

preferências culturais de outros alunos da sala de aula, uma vez que a universidade é um espaço de intensa miscigenação, o que a torna rica na diversidade de patrimônios culturais trazidos e compartilhados.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. [...] Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos (FREIRE, 1996, p. 65).

2. POTENCIALIDADES DA METODOLOGIA DO REPERTÓRIO CULTURAL

Entendido como conhecimento prévio, presente na memória e na inteligência de cada um, o conceito de repertório na Teoria da Informação de Claude Shannon refere-se ao nível de conhecimento do receptor, o seu nível cultural, a sua instrução. No senso comum, quando se comenta que alguém possui repertório, significa que é uma pessoa versada em vários assuntos, possuidora de um bom conhecimento geral (MUCCI DANIEL, 2012).

Neste sentido, a atividade de *Repertório Cultural* foi planejada tendo em vista seu potencial como uma alternativa à produção do artigo científico, atividade de avaliação comumente usada como instrumento avaliativo no ensino superior, que havia sido inicialmente pensada no Programa Analítico da disciplina. No curso de Jornalismo da UFV o artigo científico tem se mostrado recorrente na maioria das disciplinas, o que acarreta, em geral, trabalhos com pouca profundidade de bibliografia e raso nível de discussão, uma vez que cada aluno precisa entregar mais de um artigo em um mesmo semestre. Isso não proporciona aos alunos o pleno desenvolvimento de suas capacidades reflexivas e resulta, desta forma, em um agrupamento de citações de vários autores, muitas vezes com pensamentos

divergentes, numa mescla de ideias que preenchem as páginas mínimas do trabalho, mas que não contemplam o objetivo de produção intelectual do artigo. Diante da possibilidade de diversificação das atividades avaliativas, a maioria dos alunos (26 estudantes) aceitou a proposta de *Repertório Cultural*, excetuando-se 7 alunos que preferiram produzir o artigo científico. Estes foram atendidos de forma individualizada quanto à escolha dos temas a serem trabalhados, aporte bibliográfico e possíveis orientações na execução do trabalho e só participaram no encerramento da atividade de repertório como voluntários. Importante ressaltar que não houve diminuição de pontos pela permanência na avaliação antiga e cada aluno foi valorado segundo a qualidade do trabalho que escreveu. Notou-se ainda que, embora não apresentando o Repertório Cultural em frente à turma, todos participaram a seu modo, conhecendo os trabalhos que os demais alunos apresentavam em sala.

Após a adesão da nova atividade, metodologicamente, os alunos foram divididos em três grupos contendo 9, 9 e 8 pessoas, respectivamente. A cada semana os membros de um grupo apresentavam, individualmente, o seu repertório, podendo valer-se de recursos como *data show*, quadro e giz e caixas de som. Durante as aulas de quarta-feira, às oito horas da manhã, 40 minutos eram reservados ao grupo de alunos responsáveis pela condução da atividade naquele dia e, individualmente, apresentavam, em 3 minutos, as atrações do seu repertório. “Apesar de interrupções de alunos que chegavam atrasados e de imprevistos técnicos, tais como mau contato de fios, falta de som e, ou de imagem, todos conseguiram se apresentar” (MUCCI DANIEL, 2012, p. 4).

Como metodologia experimental, os próprios alunos tiveram a liberdade de escolherem os produtos culturais que os interessavam apresentar. Desta forma, todos participaram da construção das aulas e não houve nenhum “filtro” selecionador de informação. Cada aluno apresentava aos demais algo que considerava relevante de

ser mostrado do ponto de vista cultural: *trailers* de filmes e seriados, músicas, *sites*, trechos de espetáculos, livros, personagens reais, fotos, ilustrações, entre outros.

No último dia da atividade os alunos que optaram por produzir o artigo científico elegeram três repertórios pelos critérios “ineditismo” e “conteúdo interessante”. Os ganhadores receberam um kit “Agrados”, composto de pequenos e lúdicos objetos, tais como ioiô, CD de uma nova banda mineira, trena, chocolate, caneta, marca-textos, bombom, bloquinhos, etc.

Ao término da atividade *Repertório Cultural* uma pesquisa foi realizada com a turma com o objetivo de coletar dados que serviriam de *feedback* sobre o impacto do *Repertório* junto ao grupo de jovens estudantes, incluindo os que optaram pela redação do artigo científico. Os alunos tiveram cerca de 10 minutos para responder, por escrito e anonimamente, às questões relacionadas à importância, forma e conteúdo da atividade. Para análise, a classificação adotada foi a denominação numérica de cada entrevistado: 1 a 7 para os do artigo científico e 8 a 33 para os que optaram pelo *Repertório*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 AVALIAÇÃO SEGUNDO OS ALUNOS QUE FIZERAM O ARTIGO ACADÊMICO

Como critério avaliativo, os alunos tiveram a liberdade de optar por aderir à proposta do *Repertório Cultural* ou apresentar o artigo acadêmico ao final da disciplina de Jornalismo Interpretativo. Em uma turma composta por 33 alunos, os 7 que optaram por produzir o artigo responderam ao questionário, possibilitando compreender-se a valoração do estudante frente aos diferentes tipos de conhecimento.

Em alguns exemplos fica evidente o tradicionalismo do artigo como sistema avaliativo, uma vez que os alunos já estão adaptados aos critérios de

pontuação e ao rigor técnico exigido no texto científico. “Optei pelo artigo por ser uma atividade que havia sido muito trabalhada no semestre passado e como não tinha conhecimento de como seria a avaliação do repertório, preferi não arriscar.” (Entrevistado 1).

Percebe-se, ainda neste sentido, a opção de alguns alunos em se absterem de ter sua desenvoltura observada pelo restante da turma. “Trabalho melhor com a escrita do que com a apresentação em público.” (Entrevistado 2). Especialmente este contexto chama atenção, tratando-se da reconfiguração do perfil do jornalista, que precisa estar apto a desempenhar múltiplos papéis nas diferentes plataformas midiáticas. O jornalista convive constantemente com a exposição perante o público e, por isso, precisa capacitar-se a acolher as críticas (positivas e negativas) advindas da notoriedade.

Somado ao costume, a perspectiva de superioridade no desenvolvimento das capacidades intelectuais do aluno ao fazer o artigo, em relação à apresentação do repertório, também é uma realidade: “Eu escolhi fazer o artigo científico porque sentia vontade de me aprofundar no tema que escolhi – o jornalismo como forma de espetáculo – e ele, devido à necessidade que exige de estudo e pesquisa, me permitiu fazer isso. Além disso, aprendi coisas novas durante a elaboração do artigo, o que talvez o repertório não me permitisse com tanta intensidade.” (Entrevistado 3); “Escolhi fazer artigo, pois é uma oportunidade que temos para ler, pesquisar e produzir algo de qualidade.” (Entrevistado 4).

Outras motivações para a escolha do artigo referem-se à possibilidade de aproveitamento do trabalho em atividades externas à sala de aula (publicações, eventos científicos, etc.): “Escolhi fazer artigo acadêmico porque nele eu poderia concentrar todas ou a maioria das minhas leituras do período e produzir algo que eu poderia utilizar futuramente num congresso ou algo semelhante.” (Entrevistado 5). Bem como questões de ordem pessoal, tais como a não garantia de comparecimento em todas

as aulas nas quais o repertório seria apresentado: “Pelo conhecimento gerado pelo artigo através da pesquisa e, pelo fato de eu não ter a garantia de estar presente em todas as apresentações devido a problemas de saúde.” (Entrevistado 6).

Apesar da avaliação positiva a respeito do *Repertório Cultural* por parte da maioria dos alunos que realizaram o artigo acadêmico, 5 deles optariam fazer novamente o artigo se tivessem oportunidade de escolha em uma futura disciplina, justificando sua escolha por julgarem a atividade como algo não-didático e fora do campo da graduação: “A atividade de repertório foi algo bastante cultural, mas não tem embasamento necessário para atividades de uma graduação. Alguns repertórios foram bastante significativos e trouxeram temáticas e discussões interessantes. Outros nem tanto, mas foi sim possível aprender novidades culturais e também acadêmicas.” (Entrevistado 1); “A atividade é interessante, mas acho que se deve deixar claro o propósito dela, visto que ela é/parece ser entretenimento/lazer muito mais que enriquecimento cultural. Por ser uma atividade acadêmica, ela deveria ter um cunho mais didático.” (Entrevistado 5).

3.2 AVALIAÇÃO SEGUNDO OS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DO REPERTÓRIO CULTURAL

Com relação à escolha da atividade, houve a possibilidade de uma dinâmica de repertórios bastante interessante, uma vez que, formada por intensa diversidade cultural, a sala de aula abriga em si um espaço de construção de conhecimento em tempo específico. Assim, os 26 alunos que optaram apresentar trabalhos de conteúdo puderam socializar experiências de vida e preferências culturais abarcadas em sua formação.

Como pode ser notado pela própria valoração dos alunos em relação aos trabalhos, a atividade foi considerada válida pela maioria da turma; 16 alunos avaliaram a atividade como boa e 8 a consideraram ótima.

A partir das justificativas dos alunos a importância da proposta é eminente. As críticas referem-se não ao objetivo da atividade, mas ao modo como foi conduzida, não só por causa dos desafios estruturais (principalmente tempo de apresentação) e pela postura do professor (que estava descobrindo como aprimorar o método, em construção, junto com os alunos) mas, sobretudo, pela postura dos estudantes, no que se refere ao nível de repertórios apresentados, como demonstram os depoimentos relatados a seguir: “Foi uma iniciativa diferente, o que considero essencial durante a trajetória no curso, tendo em vista que muitos alunos se preocupam demais em aprender conteúdos acadêmicos e se esquecem de ter um mínimo de conhecimento cultural nas diversas áreas artísticas que ele engloba.” (Entrevistado 23); “A ideia é ótima, mas os alunos achincalharam algumas vezes. Se é para acrescentar na bagagem cultural dos colegas, pouco será acrescentado ao apresentar produtos amplamente divulgados na mídia (Harry Potter e Percy Jackson).” (Entrevistado 17); “A proposta da atividade é boa, mas alguns alunos não encaram com seriedade ou trazem um repertório popular, desinteressante e já conhecido por todos, ou seja, despreocupam-se em pesquisar e realmente trazer algo que agregue valor cultural aos demais alunos. No entanto, houve alguns que mostraram atividades e dicas relevantes e de grande valor, o que acabou compensando o desfalque dos outros.” (Entrevistado 9).

Quando perguntados acerca do grau de interesse em relação ao conteúdo dos repertórios apresentados por outros alunos, a maioria (22 alunos) explicitou ter se interessado muito pelos trabalhos expostos, enquanto 4 estudantes demonstraram ter se interessado pouco pelo conteúdo geral. Em uma perspectiva mais qualitativa, baseada nos comentários dos alunos segundo a proposição de ampliação da atividade em outro semestre, reitera-se o que foi acima exposto: apesar do potencial do repertório em agregar capital cultural à bagagem do aluno, através da troca de saberes entre os diversos perfis de estudantes,

frisa-se a necessidade de que os mesmos empenhem-se em apresentar materiais com conteúdos realmente relevantes, que estejam ligados à sua cultura em específico ou, se ligados à cultura geral, que sejam inéditos, uma vez que itens da indústria cultural são facilmente acessados por todos e não necessitam de um espaço em sala para serem mais plenamente massificados: “Promove uma interação interessante dentro da sala de aula e nós, como futuros jornalistas, devemos não só estar por dentro do que é conhecido pelo público em geral, como precisamos estar atentos às novidades no campo da cultura.” (Entrevistado 30); “Desde que se proponham apresentações inéditas e tal requisito seja realmente cumprido, abordando assuntos que aprofundem os temas, a atividade pode ser construtora intelectual e cultural e alternativa de avaliação. Aos que descumprem a proposta, a nota deveria ser descontada consideravelmente.” (Entrevistado 25); “Esta atividade mostrou-se cansativa com o passar do tempo. Apesar de ter apresentado bons repertórios, grande parte deles pouco acrescentaram ao nosso enriquecimento cultural.” (Entrevistado 10); “Porque é uma forma dinâmica de absorção de conhecimentos/informação e, automaticamente, de enriquecimento cultural.” (Entrevistado 31).

Ainda em relação à forma como os estudantes encararam a atividade, verifica-se que, entre o total de 33 estudantes, 12 classificaram o *Repertório* como fonte de lazer e entretenimento. O que é preocupante, sabendo-se que o aproveitamento da disciplina reflete a postura dos alunos frente ao domínio ou não de capitais que os distingam no mercado de trabalho. A falta de comprometimento com a qualidade dos trabalhos trazidos para a sala de aula, mesmo por parte daqueles que reconheceram a atividade como fonte de enriquecimento cultural, e o comportamento pouco consciente, por parte de alguns, como apresentado nas próprias respostas dos questionários, demonstra a imaturidade em lidar com outros tipos de propostas didáticas que não imponham regras rígidas e juízo de valor.

Observou-se que a maioria se comportou como se a atividade tivesse um caráter somente lúdico. O riso, algumas vezes descontrolado e o excesso de jocosidade foram percebidos como um estranhamento à liberdade incomum dada em sala de aula. Desse comportamento, algumas questões surgem: por que numa proposta de abertura da grade curricular, o aluno solto tende a bagunçar, avacalhar, alguns até a menosprezar a atividade proposta? Por que os alunos, mesmo os que pedem e reclamam mudanças, sentem-se mais à vontade e consideram mais sério o tradicionalismo do método avaliativo? (MUCCI DANIEL, 2012, p. 4).

Por refletir o nível cultural trazido pelos alunos durante suas trajetórias de vida e seu comportamento frente à diversidade de aprendizados aos quais podem ter acesso em uma universidade – local inegável onde se legitima a produção de conhecimento em excelência e responsável pelo apoderamento de saberes por parte dos alunos –, constata-se o despreparo no qual os estudantes têm chegado à universidade e o baixo estímulo em suprir suas carências culturais trazidas ao longo do tempo.

Dos 102 repertórios apresentados, sendo 3 deles apresentados em aulas regulares por cada aluno e no último dia de aula, com premiações para os melhores *Repertórios* (2 alunos faltaram nesta aula e, por isso, não apresentaram seus trabalhos), observa-se que do conteúdo total, 9 estavam puramente ligados ao ensino de jornalismo, relacionados aos temas livro-reportagem, fotojornalismo, rádiojornalismo, revista, webjornalismo.

Conteúdos ligados às artes (dança, artes plásticas, escultura) foram os mais apresentados, com destaque para a literatura (21 apresentações), música (18 apresentações) e cinema (17 apresentações).

Conteúdos em plataforma digital, tais como sites (4 apresentações) e blogs 3 apresentações) também foram explorados, além de documentários (7 apresentações) e séries de televisão (6 apresentações).

Durante a avaliação da atividade, foi proposto ainda aos alunos que expusessem suas contribuições críticas e sugestões para o aprimoramento da atividade avaliativa (não só para levá-los a um pensamento

reflexivo em relação aos outros e a si mesmos no decorrer da disciplina, mas também para reforçar o caráter participativo dos estudantes na confecção do método). Dentre as quais, as mais recorrentes foram:

“Que seja obrigatório. Porque os artigos não são divulgados para o restante da sala e o repertório, sim. Deixar explícitos os objetivos da atividade, para que as apresentações contribuam para nossa formação e não restrinjam a músicas conhecidas. Assim, além de ser uma atividade diferenciada, contribuirá para o acréscimo de conteúdos jornalísticos e comunicacionais ao nosso repertório, poderá ser fonte de outros estudos e trabalhos também.” (Entrevistado 31); “Acredito que a atividade seria mais produtiva se ocorresse menos vezes, por exemplo, uma vez por mês. Dessa forma, teríamos mais tempo para preparar o repertório e valorizaríamos mais as apresentações.” (Entrevistado 13); “Poderia haver mais rigor na escolha dos repertórios, pois alguns ícones da cultura pop/de massa já são mais do que conhecidos pelas pessoas.” (Entrevistado 11); “Deveria existir um delineamento ou filtro.” (Entrevistado 18); “Sugiro mais tempo para as apresentações. Os repertórios poderiam estar mais ligados ao jornalismo em si. A professora também poderia passar leituras obrigatórias para cada um apresentar, o que enriqueceria nosso repertório.” (Entrevistado 14); “Selecionar tema específico por repertório, para evitar temas destoantes. Exemplo: Repertório 1: livro; Repertório 2: filme; Repertório 3: música.” (Entrevistado 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das sugestões e do resultado final da atividade, a prática mostrou-se inovadora e impactante e as respostas ao questionário da pesquisa apontam para a continuidade do exercício, com outras turmas, em outros semestres. Dessa vez, o repertório terá limites mais demarcados, normas novas em que, por exemplo,

cada aluno deve apresentar, ao longo do semestre, Repertórios ligados à arte, à pesquisa, ao jornalismo. Os temas deverão ser mais diversificados, abrangendo inclusive questões filosóficas e pensadores do jornalismo. “É importante atentar-se que enriquecimento de repertório se faz ao longo do tempo e que somente com o tempo, percebe-se o enriquecimento da bagagem intelecto-cultural” (MUCCI DANIEL, 2012, p. 5).

Nas palavras de Paulo Freire (FREIRE, 1981), estudar é, realmente, um trabalho difícil, o que exige de quem o faz uma postura crítica e sistemática, além de uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a. Como já observava o educador, a tônica do ensino que hora se apresenta, precisamente qualificada por ele, como uma “educação bancária”, não estimula uma postura crítica dos alunos. Pelo contrário, reside fundamentalmente em retirar dos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade, tornando-os, assim, ingênuos diante do conhecimento.

Ampliando o conceito atual de aquisição de conhecimento por parte dos alunos – e conseqüentemente o método avaliativo em vigência relativo a este –, percebe-se a necessidade de implantação de uma educação que abarque a totalidade das dimensões da realidade vivenciada pelos universitários.

Verifica-se atualmente, principalmente pelo tradicionalismo da comunidade acadêmica, o quanto ainda se “mede” o aprendizado apenas por métodos formais, repetitivos e mecânicos, estimulando uma cultura de estudos puramente voltados para se garantir notas ao final do período, o que, além de concentrar o interesse do aluno em assimilar (decorar) o aprendizado apenas nas datas avaliativas, torna a nota um fim em si mesma, desconsiderando que ela é um meio pelo qual os alunos são motivados a aprenderem durante todo o processo em que a disciplina é oferecida. “Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite ou pela quantidade de livros lidos num semestre. Estudar não é

um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (FREIRE, 1981, p. 10).

Não se trata de abolir as práticas convencionais do ensino-aprendizagem, nem de retirar da grade curricular os conteúdos indispensáveis para a formação jornalística – sua temática geral, seus autores e textos básicos –, mas de repensar a sala de aula, de modo a contemplar outras matrizes curriculares em emergência na formação profissional, atualizando a sala de aula e propiciando um espaço participativo, construído com todos e para todos.

Não é fácil o caminho da inovação, nem mesmo junto a jovens universitários que, acostumados com a fórmula tradicional ensino-avaliação-aprendizado, mostram-se críticos conservadores ao estranharem novas propostas e desmerecerem uma atividade que priorize a alegria de ser aprendiz, a leveza de compartilhar conhecimentos e a liberdade de construir junto uma prática pedagógica que extrapole os pilares da teoria acadêmica e técnica profissional. É preciso repensar a postura do educador frente à postura do educando que recusa uma nova metodologia de aprendizado julgando-a menos importante e sem embasamento necessário à atividade de uma graduação. Espera-se que o departamento conservador – a comissão de ensino acomodada e a secretaria pessimista – desaprovem as novas propostas de ensino-avaliação-aprendizagem, julgando-a ineficiente, trabalhosa e difícil. Mas o que fazer quando são os jovens estudantes que resistem à quebra das formalidades, encarando-a como simples e desnecessária brincadeira?

Mesmo com a mentalidade fechada de alguns docentes, discentes e outros acadêmicos, é preciso ter paciência e perseverança. Não se pode apenas incorporar no educando uma dinâmica de sala de aula que seja puramente mecânica que, ao invés de permitir a compreensão dos conteúdos, estimule apenas a memorização de datas, autores, técnicas de trabalho e normas acadêmicas. Principalmente por se tratar de um curso de jornalismo, marcadamente caracterizado pela versatilidade e

constante atualização esperada pelo profissional, não se pode reduzir o processo ensino-aprendizagem ao quadro, giz e saliva. Situamo-nos em uma era planetária que tem pedido um somatório de saberes formais e não formais e educar os alunos para a aceção de outras culturas é dotá-los de condições de corresponderem ao exercício pleno em seus campos profissionais.

Por fim, reconhece-se que a atividade de *Repertório Cultural* não se restringe ao espaço de incorporação apenas nesta universidade, mas apresenta-se como método simples, aplicável e acessível a outros espaços e áreas de produção do conhecimento. Com benefícios diretos para a sala de aula como um todo, propiciando a revitalização da função do educador e potencializando os educandos para um exercício participativo em sala e no mercado de trabalho, o que requer persistência e aprimoramento do método por parte daquele que ministra as aulas e maturidade dos alunos para elevação do nível das apresentações feitas.

CULTURAL REPERTOIRE: WHEN NECESSARY KNOWLEDGE TO THE ACADEMIC TRAINING GOES BEYOND CURRICULAR MATRICES

Abstract

This paper problematizes the consolidation of a curriculum matrix that assigns social utility on the university degrees. Supported by the concept of repertoire of the Information Theory, the *Cultural Repertoire* methodology was created and tested with Journalism students from the Federal University of Viçosa, Brazil. Despite the strangeness and conservatism on the part of the academic community, including some students, the experience was satisfactory with respect to the cultural formation and criticality in the collective

construction of knowledge, against the required skills of the job market and the teaching-learning reconfiguration method.

Keywords: Teaching Practices. Education. Curriculum matrices. Knowledge Building. Cultural repertoire.

REPERTORIO CULTURAL: CUANDO EL CONOCIMIENTO NECESARIO A LA FORMACIÓN ACADÉMICA EXTRAPOLA LAS MATRICES CURRICULARES

Resumen

En este trabajo se problematiza la consolidación de un plan de estudios que subraya la utilidad social en los títulos universitarios. Basado en el concepto de Repertorio Cultural propuesto por la Teoría de la información, se creó y probó la metodología Repertorio Cultural con estudiantes de Periodismo de la Universidad Federal de Viçosa. A pesar de la desconfianza y conservadurismo de la comunidad académica, incluyendo algunos estudiantes, la experiencia se mostró satisfactoria en lo que se refiere a la formación cultural y criticidad en la construcción colectiva del conocimiento, frente a las habilidades exigidas por el mercado de trabajo y la configuración enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Prácticas de enseñanza. Educación. Matrices curriculares. Construcción del conocimiento. Repertorio cultural

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia M. C.; CAMARGO, Ana Maria F.; SILVA, Silvia M. C. *Repertório cultural de professoras/as da educação básica de Uberaba e Uberlândia, MG*. Relatório de pesquisa

encaminhado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Uberaba, 2007.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Caude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves S.A., 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUBET, François. O que é uma escola justa? Trad. Édi Gonçalves de Oliveira e Sérgio Cataldi. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n.123, p. 539-555, set./dez. 2004.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MUCCI DANIEL, Laene. *Repertório: uma proposta pedagógica no Ensino Superior de Jornalismo. Relato de Experiência*. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ). Uberlândia, 2012.

NOGUEIRA, Monique A. Formação cultural: questões teóricas. *Salto para o Futuro*, Rio de Janeiro, p. 8 - 13, 17 jun. 2010. Disponível em: < https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/35089175/Formacao_cultural_de_professores.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1530832287&Signature=HC8BE5338JTb100VMAtpQn%2Bmul4%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DFormacao_cultural_de_professores_Ano_XX.pdf#page=8>. Acesso em: 10 set. 2015.

PAGLIA, Camille. *Por uma reforma educacional*. 11. ed. Trad. Mônica Lago. Rio de Janeiro: Record, 1988.

YOUNG, Michael. Pra que servem as escolas? *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 set. 2015.

Enviado em 24 de novembro de 2016

Aprovado em 2 de abril de 2018